



EDUCAÇÃO POPULAR NO CARIRI CEARENSE: GRUPOS REFLEXIVOS COM MULHERES ADULTAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Cicera Sineide Dantas Rodrigues¹; Maria da Conceição Passeggi²

¹ Doutora em Educação, Professora da Universidade Regional do Cariri-URCA, Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática, Docência e Educação-GEPEDE, sineide.rodrigues@urca.br

² Pós-doutora em Educação, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN e da Universidade Cidade de São Paulo-UNICID, Grupo Interdisciplinar de Pesquisa-Formação, Representações e Subjetividade-GRIFARS, mariapasseggi@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO

RESUMO

“O meu sonho é aprender a escrever o meu nome”!¹ No mundo contemporâneo, é crescente o volume de informações, acompanhado de inovações tecnológicas de toda ordem que demandam o uso de novidades digitais, como a diversidade de aplicativos, redes sociais, Inteligência Artificial e tantos outros recursos e sistemas da internet, que adentram o cotidiano da população, sem pedir licença.

Mesmo com tantas transformações humanas e sociais, especialmente, no campo tecnológico e informacional, ainda nos deparamos com a realidade de muitos homens e mulheres² excluídas de bens sociais e educacionais historicamente construídos. Muitas destas pessoas sonham em aprender a ler e a escrever pelo menos o próprio nome. Esse foi o desejo mais comum que escutamos de um grupo de adultos integrantes de um projeto de alfabetização desenvolvido desde o ano de 2024, em uma comunidade no interior do Ceará. O projeto de educação popular denominado “Da leitura do mundo à leitura da palavra”, surgiu de uma parceria entre a Pró-reitoria de extensão da Universidade Regional do Cariri (PROEX-URCA), sediada no Crato-CE, e a Associação Comunitária Amigos de Dom Bosco (ACADB), situada no bairro Limoeiro, em Juazeiro do Norte-CE.

A ACADB foi fundada em 06 de agosto de 1999. É uma instituição filantrópica, não governamental, cujo objetivo principal é amenizar problemas sociais do bairro, na busca de melhorias para a qualidade de vida dos/as moradores/as, com ações de educação popular, culturais, esportivas e religiosas, além de funcionar como Unidade Social

¹ Narrativa comum dos participantes do projeto de alfabetização de adultos “Da leitura de mundo à leitura da palavra”, descrito no decorrer do texto.

² Em 2024, segundo o IBGE, havia 9,1 milhões de analfabetos, representando 5,3% da população com 15 anos ou mais. O público de 60 anos ou mais representa a maior parcela de analfabetos, com 5,1 milhões de pessoas (14,9%) que não sabem ler, nem escrever um bilhete simples – critério utilizado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua 2024, divulgada em 13 de junho de 2025. Acesso: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/80f8445b4b7a92d561ea8a641e50869b.pdf



Produtora de Refeições (USPR), integrada a cozinha comunitária, equipamento governamental de segurança alimentar e nutricional que visa distribuir refeições saudáveis a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

O projeto de alfabetização popular citado anteriormente nasceu de uma demanda da comunidade, e tem como objetivo promover ações pedagógicas voltadas para a alfabetização de adultos/as e apoiar a formação contínua de educadores/as populares. A iniciativa conta com a participação de docentes e estudantes do Departamento de Educação da URCA, mestrandos e egressos do Mestrado Profissional em Educação (MPEDU-URCA), além de colaboradores da ACADB e professores da Educação Básica das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Brejo Santo, no Ceará, que atuam voluntariamente como alfabetizadores populares.

Atualmente, são atendidas 18 pessoas adultas e idosas alfabetizandas, com idades entre 27 e 81 anos, contando com a colaboração de 14 alfabetizadores/as voluntários/as organizados/as em Grupos de Trabalho (GTS), que se alternam na promoção de aulas/círculos de alfabetização, nas segundas e quartas-feiras, das 19h às 21h, na sede da ACADB. O planejamento das atividades é colaborativo e parte de estudos realizados em círculos de formação contínua, fundamentados na epistemologia freiriana de educação, que ampara a abordagem emancipatória e humanizadora da alfabetização de adultos. Nessa perspectiva, valorizamos as experiências dos alfabetizadores e dos alfabetizandos, pautados no ensinamento de que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (Freire, 1994, p. 20).

Salientamos que, em 2025, o projeto “Da leitura do mundo à leitura da palavra” ganhou força ao integrar-se ao Programa Brasil Alfabetizado (PBA), programa do governo federal voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos privados historicamente do acesso a este direito educacional. Com a inserção no referido programa os dias das aulas do projeto expandiram-se e passaram a ocorrer de segunda a quinta-feira, sempre com o suporte dos grupos de alfabetizadores voluntários vinculados à PROEX-URCA. quartas-feiras.

O projeto de alfabetização descrito também abriga uma pesquisa de pós-doutorado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED-UFRN). A pesquisa de pós-doutoramento em pauta está em andamento e seus resultados preliminares serão mirados neste trabalho. Nesse sentido, formulamos a seguinte questão central: Que saberes emergem das narrativas autobiográficas de mulheres adultas alfabetizandas participantes do projeto de alfabetização da ACADB? A questão geradora se desdobra no objetivo geral de compreender os saberes afluídos nas narrativas autobiográficas de 10 mulheres adultas integrantes do projeto de alfabetização em tela.

A escuta das narrativas autobiográficas destas mulheres se alinha com a perspectiva da alfabetização de adultos fundamentada na concepção de Educação Popular (Freire e Nogueira, 2002), o que nos coloca diante de questões sensíveis, como: Que vivências marcam a biografia destas mulheres? Que saberes emergem de suas narrativas? Como elas vêm resistindo a exclusão educacional e a negação de direitos fundamentais e de dignidade humana? Estas questões permitem o delineamento dos seguintes objetivos específicos: identificar experiências singulares nas narrativas de vida das adultas alfabetizandas; perceber os saberes constituídos em suas trajetórias, seus sonhos e modos de resistência à exclusão de direitos humanos fundamentais.



O estudo parte da premissa de que a narrativa autobiográfica potencializa o conhecimento de fragmentos experienciais significativos da vida das alfabetizandas, o que pode ajudar a romper silenciamentos sobre suas trajetórias pessoais e sociais, e, a partir do diálogo com elas, trazer à tona seus saberes, projeções e modos de resistir a negação histórica e social de direitos humanos essenciais, dentre os quais o acesso à leitura e a escrita desde a infância até a vida adulta. Valorizar e aprender com os saberes experienciais das alfabetizandas adultas contribui para um processo educativo politicamente mais inclusivo e emancipatório, com o reconhecimento de que o saber popular que aflora da vida das educandas adultas é ponto de partida e de chegada para o processo educativo crítico, humano e transformador.

Os referenciais teóricos da pesquisa fundamentam-se em Freire (1987; 1994; 2022); Freire e Nogueira (2002); Fanon (2022); Arroyo (2023), além de Passeggi (2011; 2016) e Passeggi, Nascimento e Rodrigues (2018). Seguindo os pressupostos teóricos adotados, tecemos críticas ao modelo de alfabetização tradicionalista e alienador que se sustenta na visão bancária da educação, em que os alfabetizandos são vistos como depósitos inertes de conhecimentos prontos e desvinculados de sua realidade. Na visão alienadora da alfabetização, a leitura e a escrita da palavra se dão como atos mecânicos, esvaziados de vida e de sentidos.

Para superar a visão bancária de educação, Freire (2022) nos convida a refletir sobre a não neutralidade do ato educativo, e a reconhecer sua vinculação ideológica a um projeto social de manutenção ou de transformação da realidade desigual e opressora. Nesse sentido, a dialogicidade e a conscientização tornam-se dimensões imprescindíveis à perspectiva libertadora e problematizadora da prática educativa. No paradigma libertador, a alfabetização de adultos é construída na troca de saberes com os alfabetizandos e não sobre eles. O conteúdo da alfabetização passa a ser a realidade dos alfabetizandos, suas experiências, subjetividades, história e universo cultural (Freire, 2022), o que também constitui a principal fonte de sustentação da abordagem (auto)biográfica, ao conceber o sujeito, sua vida, suas experiências e seus saberes como centralidade do ato formativo.

A pesquisa (auto)biográfica parte do paradigma da pesquisa-formação. Esta perspectiva distancia-se do modelo de ensino e de pesquisa disciplinar-tradicional e bancária. Passeggi (2016) afirma que a pesquisa-formação traz para a cena investigativa a pessoa que se forma, compreendida como produtora de saberes e não como receptora passiva de saberes externos. Assim, a experiência de vida em sua dialética individual e social torna-se fonte primária de saberes legitimamente reconhecidos, que reafirmam a humanidade roubada dos povos oprimidos e excluídos socialmente.

O nosso estudo fundamentou-se na pesquisa qualitativa, seguindo a abordagem (auto)biográfica, com a realização dos grupos reflexivos como dispositivos privilegiados de pesquisa-formação, em que todos os participantes ensinam e aprendem no diálogo narrativo reflexivo de contar a sua história (autobiografia) e de ouvir as histórias dos outros (heterobiografia). O grupo reflexivo é entendido assim como “espaço-tempo propício a partilhar, refletir e ressignificar as experiências com o outro”. (Passeggi, 2011, p.148).

A dimensão investigativa, pedagógica e formativa dos grupos reflexivos foi vivida em 4 encontros coletivos ocorridos por meio de círculos dialógicos organizados, respectivamente em torno das dimensões biográficas do eu, do nós, do ambiente e da projeção de si. A ideia dos círculos dialógicos foi inspirada na metodologia dos círculos de cultura freirianos, fundada no princípio da dialogicidade, da ética, da estética e do



aprender mutuamente, por meio da escuta sensível das experiências uns dos outros. “No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências’”. (Freire, 1987, p. 12).

Nesse sentido, após o convite aos alfabetizandos do projeto e a adesão voluntária de 10 mulheres do grupo para participarem da pesquisa, iniciamos os círculos dialógicos, sendo um encontro por semana, com duração de 2h cada, na sede da ACADB. Inspirados na prática original do método de alfabetização de adultos de Freire (1987, 2022), utilizamos situações de codificação existencial em cada círculo dialógico, como espelhos, imagens, exposição de objetos, pintura em tela, seguidas de perguntas geradoras que mobilizaram as narrativas de vida das participantes da pesquisa.

O primeiro círculo dialógico foi denominado “espelho de mim” (dimensão do eu), em que cada mulher recebeu um espelho, e ao mirar sua imagem responderam à pergunta geradora: “O que eu já passei na vida que me fez ser a mulher que eu sou hoje”?

O segundo círculo foi chamado de “retrato de nós” (dimensão do nós), em que foi projetada em slide a imagem da capa do livro “o berço da desigualdade”, de Sebastião Salgado e Cristovam Buarque (2009), representada por uma menina de olhar triste e intenso, de origem humilde, sentada em uma carteira, em uma sala de aula de uma escola com pouca iluminação e condições precárias, escrevendo em um caderno. Seus poucos materiais escolares estão pendurados na carteira dentro de uma sacola de plástico. Ao analisarem a imagem, as mulheres entrevistadas responderam à pergunta: O que essa imagem retrata e o que tem a ver com a nossa vida?

O terceiro círculo reflexivo foi intitulado de “ambiente biográfico” (dimensão ambiental). Neste encontro, montamos uma exposição com objetos como bíblia, boletim escolar, livro de receita, carteira de trabalho, celular, máquina fotográfica, carta, CDs, produto de limpeza, bula de remédio, nota de dinheiro, conta de água, mala de viagem, além das imagens de posto de saúde, ônibus e Banco. Solicitamos que observassem cuidadosamente os itens da exposição e refletissem sobre a seguinte questão: Como é que eu tenho me virado nesses ambientes da vida, em que a leitura e a escrita são consideradas tão importantes?

O quarto círculo dialógico foi chamado de “sonho em tela” (dimensão projetiva). Na ocasião foram distribuídas telas de pintura, pinceis, tintas e lápis grafite. Cada uma das mulheres representou na tela o seu sonho, mobilizadas pela pergunta geradora: Qual o seu sonho? O que você gostaria de realizar na sua vida?

A análise dos dados foi inspirada na análise temática de narrativas, conforme proposição de Jovchelovitch e Bauer (2014), seguindo o paradigma hermenêutico que parte da redução do texto com generalização e condensação de unidades de sentidos, em articulação com os temas que afloraram das narrativas das mulheres da pesquisa. Serviu-nos ainda como modelo o quadro apresentado por Passeggi, Nascimento e Rodrigues (2018) para exemplificar a análise temática, contendo 3 colunas: 1- transcrição literal da narrativa; 2-paráfrase/sentença sintética; 3-palavras-chave/unidades de sentido.

As referências citadas serviram de inspiração para recriarmos o nosso quadro de análise temática utilizando categorias do paradigma freiriano de alfabetização. Nesse sentido, após transcrição das narrativas e conferência por parte das entrevistadas³, registramos os dados das narrativas delas em quadros individuais, contemplando a pergunta geradora de

³ A conferência foi realizada em um encontro específico em que fizemos a leitura individual da narrativa transcrita para as mulheres entrevistadas, a fim de validar os textos biográficos traduzidos por nós.



cada encontro, e a organização sintética do quadro em quatro colunas: 1-universo vocabular; 2-descodificação/síntese interpretativa; 3- palavras geradoras; 4- temas geradores.

As análises preliminares apontaram para temas e experiências importantes que despontaram das narrativas autobiográficas das entrevistadas, dentre os quais podemos citar: a origem rural, o trabalho infantil doméstico e agrícola, a infância roubada, a violência doméstica e de gênero, o sofrimento e o luto devido a perdas de familiares, a migração intrarregional e inter-regional em busca de uma vida mais digna, a negação de direitos humanos, sociais e educacionais desde a infância, a oralidade como principal estratégia de sobrevivência em um mundo de cultura letrada, os saberes aprendidos e marcados em seus corpos resistentes de trabalho desde à infância.

Enfim, as narrativas das mulheres revelaram a profundidade das aprendizagens advindas da experiência de uma vida ameaçada, injusta e desumana, que as transformaram em vidas re-existent. Para Arroyo (2023, p. 23) “vivenciar experiências de vida ameaçadas provoca desde a infância resistências por viver, pelo valor da vida”. Na resistência pela vida, primeiro e mais importante valor humano, elas continuam a produzir saberes e a desvelar outras matrizes de formação humana que transcendem o paradigma alienante de uma única humanidade, a da classe dominante. (Arroyo, 2023). Na reafirmação de sua humanidade, elas seguem a escrita de suas histórias com traços, linhas e cores que anunciam sonhos e projeções de uma vida digna e justa, de um “inédito viável” (Freire, 1987), materializado no desejo de “aprender a escrever o próprio nome” e no desejo de “terem a sua casa própria” para não precisarem pagar mais aluguel.

Escrever o próprio nome estar relacionado, em certo sentido, com o reconhecimento e o fortalecimento da própria identidade, de afirmação da sua humanidade. O nome carrega a nossa história, nossas dores, perdas, conquistas, esperanças, desesperanças, enfrentamentos e resistências. Nós somos o nome que carregamos e vice-versa. O nome demarca a nossa existencialidade no mundo, é o que nos humaniza. Assinar o próprio nome é reafirmar sua humanidade tantas vezes negada, tantas vezes roubada.

Por sua vez, o sonho da casa própria representa a luta pelo direito a terra, para não precisarem mais serem exploradas nas terras alheias, na ânsia de quebrarem um ciclo de opressão vivido por elas e por sua ancestralidade. O direito a terra faz parte da resistência histórica do povo oprimido e colonizado do Nordeste brasileiro, que empreendem uma luta justa pela “parte que lhe cabe neste latifúndio”⁴. (Buarque e Melo Neto, 1965). De fato, “para o povo colonizado, o valor mais substancial, porque mais concreto, é primeiramente a terra: a terra que deve garantir o pão e, é claro, a dignidade” (Fanon, 2022, p. 41).

O nome e a terra, o direito a educação e a uma vida justa, digna e humana, as resistências e sonhos representam os principais temas e saberes aflorados nas narrativas das entrevistadas, que nos impulsionam a validar o potencial político, pedagógico, ético e estético dos grupos reflexivos com mulheres adultas em processo de alfabetização da leitura e da escrita gráfica. Reconhecemos e reafirmamos, todavia, que elas são alfabetizadas na leitura do mundo, o que nos conduz a reflexão de que existe vida,

⁴ Frase extraída da música “O funeral de um lavrador”, escrita por Chico Buarque de Holanda, em 1965, na forma de canção, para integrar o espetáculo “Morte e Vida Severina”, baseado no poema de João Cabral de Melo Neto. A música retrata a desigualdade na distribuição de terras no Brasil, com críticas a concentração de terras nas mãos dos latifundiários. O texto ironiza que só na morte o trabalhador rural tem direito a um pedaço de terra, no caso, a cova em que é enterrado.



humanidade, múltiplos saberes e outras pedagogias para além dos códigos gráficos da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Alfabetização de adultos; Narrativas de mulheres; Leitura do mundo; Leitura da palavra.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez Arroyo. **Vidas re-existent:** reafirmando sua outra humanidade na história. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2023.
- BUARQUE, Chico; MELO NETO, Joao Cabral de. **Funeral de um lavrador.** 1965. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45132/> acesso em 10 de outubro de 2025.
- BUARQUE, Cristovam; SALGADO, Sebastião. **O berço da desigualdade.** 3.ed. Brasília: UNESCO, Instituto Sangari, 2009. 192 p. ISBN 978-85-7652-105-1.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** 1 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 29 ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e prática da educação popular. 7. Ed, Vozes, Petrópolis, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 19 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (organizador). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 90-113.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, [S. l.], v. 1, pág. 67-86, 2016. DOI: 10.18593/r.v4i1.9267. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267> . Acesso em: 11 out. 2025.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 2, pág. 147-156, maio/ago. 2011. ISSN 1981-2582. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8697> . Acesso em: 11 out. 2025
- PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; RODRIGUES, Senadaht. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação**, v. 13, pág. 1-18, 2018. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6440> . Acesso em: 11 out. 2025.